

## **Paisagem Mutante como Elemento de Análise no Curso de Geografia na UP GAZA.**

Gustavo Sobrinho Dgedge\*  
Nelson Filipe\*\*

### **Resumo**

Em Moçambique o Currículo Local permite conhecer a realidade próxima do aluno. A formação de professores de Geografia inclui agora a preocupação pelo conhecimento da influência dos fenômenos locais e externos na modificação da paisagem ao redor do aluno. Na Universidade Pedagógica, a formação de professores de Geografia havia-se desligado da realidade, sendo o ensino monótono e muito teórico. A localização da Delegação de Gaza numa área em constante mutação paisagística trouxe outra dinâmica na formação docente, passando a paisagem a ser um objecto de análise, permitindo que o futuro professor apreenda que é necessário romper com a geografia da sala de aulas. O estudante aprende a visualizar que as paisagens são construídas a partir das dinâmicas sociais, não existindo uma sociedade fora da natureza e que os fenômenos são localizados temporal e territorialmente no local onde ocorrem, tendo e recebendo influências de outros lugares e doutros períodos. O contato direto com a paisagem permite a utilização da linguagem cartográfica como metodologia importante para a construção do conhecimento geográfico. Neste trabalho mostra-se como é que a mutação da paisagem é utilizada no processo de ensino e aprendizagem no Curso de Geografia da Universidade Pedagógica, Delegação de Gaza.

**Palavras Chave:** Paisagem, mutação, ensino de geografia.

### **Abstract**

In Mozambique, the local curriculum permits to discover the reality of the student. The training of teachers of Geography now includes a concern for understanding the influence of local phenomena and external change in the landscape around the student. In Pedagogical University, the training of teachers of geography had become decoupled from reality, and the teaching dull and too theoretical. The location of the delegation of Gaza in an area of a constantly changing landscape brought another dynamic in teacher education, turning the landscape a subject of analysis, allowing the future teacher perceives that it is necessary to break with the geography of the classroom. The student learns that landscapes are constructed by social dynamics, and there is not a society out of nature and that the phenomena are temporally and geographically located in the place where they occur, having and receiving influences from other places and other periods. Direct contact with the landscape allows the use of cartographic language as important methodology for the construction of geographic knowledge. This work shows how the changing of landscape is used in teaching and learning process in the Course of Geography, Pedagogical University, Delegation of Gaza.

**Keywords:** Landscape, mutation, geography teaching.

### **Introdução**

Numa fase em que o Ministério da Educação e Cultura preconiza o Currículo Local como uma premissa para levar o aluno a conhecer a realidade do país em que vive, a preocupação da Universidade Pedagógica (UP), através do Curso de Geografia,

\*Docente do Curso de Geografia da Universidade Pedagógica, Delegação de Gaza, Moçambique

\*\*Docente do Curso de Geografia da Universidade Pedagógica, Delegação de Gaza, Moçambique

é a de ensinar uma geografia na qual se observa a influência dos fenômenos locais e externos na modificação da paisagem ao redor do estudante.

Na análise da modificação da paisagem escolhem-se os atributos representativos de tal lugar, de modo que permitam a formulação de uma concepção teórica que a análise vai posteriormente confirmar ou negar. Essa análise é também resultante da realidade que é multiforme e que tem muitos dos seus aspectos substancialmente relacionados entre si.

Portanto, sente-se a necessidade de mostrar como é que a mutação da paisagem é utilizada no processo de ensino e aprendizagem no Curso de Geografia da Universidade Pedagógica, Delegação de Gaza.

### **A Paisagem**

A UP Gaza localiza-se numa zona rural, com relevo ondulado de formações arenosas dunares do Quartenário. É uma área de transição entre as dunas do litoral, em franco processo de consolidação e as dunas do interior, consolidadas.

A população ao redor da Universidade pratica uma agricultura de subsistência, com todo o conjunto de práticas e técnicas que, aliada à ocupação progressiva do espaço pela colonização humana, origina mudanças radicais na paisagem.

A paisagem pode ser entendida como uma forma de território, na qual estão representadas as características naturais e antrópicas, podendo, o seu dinamismo, levar as modificações espaciais e temporais.. Nela descansam significados bem marcantes, como, por exemplo: constituir uns traços principais da identidade de um povo. Desde esse ponto de vista, a paisagem pode ser entendida como a manifestação formal da realidade geográfica, a configuração que toma o espaço terrestre. Nela conserva-se e revela-se o tempo. Por isso, condensa os acontecimentos espaciais e os valores naturais e antropogênicos.

O estudo da paisagem é realizado levando-se em conta os seus elementos constituintes (clima, solo, rochas, relevo, águas, mundo animal e associações vegetais), a organização do espaço e seus factores mais determinantes (estética, história artística, aspectos sociológicos

e psicológicos, povoados, camponês agrícolas, etc.) e as técnicas de intervenção (topográficas, de construção, agrícolas, de comunicação, de organização de trabalho etc.).

Constata-se assim que na análise da paisagem, incluem-se como elementos integrantes todos os componentes espaciais de um determinado território apreendidos pelo espectador e as atividades humanas com implicações do ponto de vista paisagístico para a modificação da mesma.

Uma vez que a geografia estuda, entre outras, o caráter variável da superfície terrestre, o geógrafo deve ter a capacidade de observar as modificações que ocorrem na paisagem buscando as suas causas, explicando os seus processos e indicando as suas consequências, bem como perspectivar o futuro, caso necessário. Ou seja torna-se necessária uma capacidade de fazer uma análise espacial e temporal da ocorrência e distribuição dos fenômenos e fatos geográficos.

### **Mutações da Paisagem**

À primeira vista parece que as paisagens são estáveis no tempo. Contudo, esta percepção é equívoca. Ela é produto da curta duração da vida do homem, uma vez muitas modificações ocorrem e só são visíveis com o passar do tempo.

Um indivíduo, ao observar a paisagem de longe, primeiro vê um panorama no horizonte. À medida que se aproximar do local, irá, gradualmente, visualizar as partes internas da paisagem, a escalas progressivamente mais reduzidas, engrenadas umas nas outras, em espaços articulados, dependentes uns dos outros e dispostos hierarquicamente em conjuntos, unidades e partes.

Todos estes aspectos revelam que a paisagem possui uma pluralidade de constituintes e de miradas. A visão unilateral é limitada porque torna invisível para as outras realidades, impedindo a comunicação entre elas e em definitivo a observação mais completa do conjunto. Contudo, a visão multilateral e integrada constitui o método aconselhável para a percepção correta do meio geográfico, o que quer dizer que a qualificação das

miradas depende em grande medida do próprio observador.

Em geral, um olhar histórico temporal para a paisagem deve permitir visualizar o que nela foi adicionado, seus valores considerados, ainda que às vezes estes sejam mais visíveis na biblioteca do que no campo, na realidade. Assim sendo, é preciso complementar a análise da paisagem estrita ou a configuração real do território com o sistema que o origina, tendo em conta o diálogo ativo entre os fatos e a percepção dos mesmos, o que identifica como tal a individualização.

As aproximações científicas e técnicas no conhecimento da paisagem têm primado pelo conhecimento dos acontecimentos (a paisagem ou projecto que nela se constrói) ou das suas causas (factores que a explicam, requisitos de implementação). Contudo, raramente se realiza o exercício completo de análise objetiva da paisagem, a explicação da sua formação, a previsão das possíveis transformações e conhecimento da valoração social do que existe e da sua avaliação.

As alterações que as paisagens experimentam variam de local para local e são provocadas por factores antropológicos que se manifestam através das suas actividades económicas e sociais, destinadas a procurar condições que melhorem a vida e satisfaçam as necessidades, quer por factores naturais que se manifestam através de processos em cadeia que tendem a regular o fluxo de matéria e energia no grande sistema que é o Planeta Terra.

### **Mutações da paisagem como elementos da análise geográfica.**

Na Universidade Pedagógica, a formação nos cursos de Licenciatura em Ensino de Geografia estava a tornar-se algo desligado da realidade. Por um lado, o corpo docente era rotineiro, repetitivo, monótono e, por outro lado, se havia desligado da realidade do país. Isto é, deixou de ter um pensamento sintonizado com a paisagem real, de ser criador, tendo passado a ser conhecedor de teorias que muito pouco ajudam a sair do subdesenvolvimento intelectual, ponte para a saída do fraco desenvolvimento económico e social.

O saber empírico do estudante era, muitas

vezes, relegado para o último plano, não havendo, em muitas ocasiões, oportunidade para que este expressasse suas experiências e vivências dos espaços geográficos conhecidos. Os docentes universitários muitas vezes perdiam a capacidade de estar à escuta atenta e paciente, condição essa que é o ponto de partida para toda a ação pedagógica, pondo de lado a complexidade de saberes de que o estudante é portador, o que não permitia assim se instruir a si mesmo ou armazenar informação para mais tarde estar seguro de os poder distribuir novamente com outro tipo de análise.

No Curso de Geografia da UP Gaza a preocupação por ter a paisagem mutante como elemento de análise partiu, assim, da concepção de que o espaço geográfico é o objeto da geografia (CASTROGIOVANNI, 2007). Este espaço não só tem um conteúdo histórico mas também mostra as diferentes práticas sociais dos diferentes grupos que nela interagem, sendo, por isso, dinâmico, albergando os aspectos do meio físico-natural e social.

Como se pode verificar, nos cursos da UP Gaza, havia a grande preocupação de saber como fazer com que o estudante "*realmente aprenda e não simplesmente memorize, já que ele não é um simples depósito de informações*" (CASTELLAR, 2006, p. 44).

No processo de ensino e aprendizagem da Geografia, como afirmara GUERRERO (2006), é importante reconhecer e compreender as interações e relações entre a sociedade e a natureza. Por isso, quando a UP Gaza abriu o curso de geografia, pretendia-se que o mesmo permitisse ao estudante ter um conhecimento da sociedade em que vive. Ou seja, o curso não deveria ser distante, desligado da realidade nem ser, sequer, uma mera descrição de lugares distantes e fragmentados no espaço e no tempo.

Era necessário trazer à realidade do estudante o que seria estudado, mostrando as transformações visíveis e perceptíveis das paisagens, descobrindo as razões que deram origem às mesmas, ou seja a dinâmica da paisagem. A preocupação era romper com a geografia memorista. Deste modo, evitar-se-ia logo à partida formar um futuro professor que durante a sua formação na universidade, citando

Somma (1998):

- (i) fosse repetitivo, fazendo tudo o que o professor indica para assim aprovar facilmente o curso e,
- (ii) reforçasse seu preconceito ou noção prévia sobre a realidade empírica socioespacial na qual vive e realizou atividades de sobrevivência, com todos impactos de degradação espacial a elas associadas.

Mas porque estudar a geografia fazendo uma ligação com as realidades conhecidas sabendo que elas sofrem mutações ou são dinâmicas no tempo e no espaço?

Sendo o curso de formação de professores de geografia, um dos objectivos é que o futuro professor apreenda que é necessário romper com a geografia da sala de aula e, passe a pautar-se por uma geografia realizada a partir da realidade diária pois esta ciência existe desde sempre e é por nós feita diariamente.

Em geral, nas lições da sala de aulas, o estudante conhece o mundo mediante o mapa. Entretanto, os mapas não ilustram situações sociais concretas de que resultam as alterações da paisagem, além de apresentarem-se elementos geográficos distantes da realidade na medida em que tais foram generalizados pelo uso da escala no mapa.

Estes problemas dificultam a tarefa do estudante de vincular o conhecimento com a prática nas aulas de geografia porque no mapa as situações sociais e os elementos geográficos estão distantes da realidade vivida e conhecida e o estudante não sente e visualiza o fenómeno no momento em que este ocorre, aparecendo a informação generalizada devido a escala. Daí que haja a preocupação de formar um professor de geografia com um sentido de raciocínio multiescalar, com uma aquisição de conceitos geográficos e linguagem cartográfica para um ensino da geografia dinâmico.

Assim, o contato direto com a paisagem poderia permitir ao estudante do curso de Geografia da UP Gaza, que na maior parte das vezes provém duma formação geográfica carente de conhecimentos cartográficos - apreender, a partir do terreno, a utilização da linguagem cartográfica - como

metodologia importante para a construção do conhecimento geográfico. Isto quer dizer que ele passaria a compreender as relações espaciais topológicas, tanto no plano perceptivo assim como no representativo, elementos esses que constituem fatores importantes para a elaboração de mapas cognitivos e de qualquer outro tipo de mapa. Deste modo, ele aprenderia a articular conceitos e sistemas conceituais que, no futuro, permitir-lhe-iam descrever as características do território, a partir não só da localização, mas também do entendimento das relações entre as diferentes variáveis espaciais e de ocupação do solo (CASTELLAR, 2006).

Constata-se assim que a formação em geografia a partir dum contato direto com a paisagem, permite criar, no futuro professor, a capacidade de ter uma visão da gradação perto-longe, de modo que ao lecionar tenha em conta que deverá partir do

“espaço conhecido, ou seja o espaço vizinho, “seu espaço vivido” (casa, escola, bairro, cidade) sem esquecer do contexto maior país-mundo...pois não raras vezes decisões que afetam nosso espaço imediato são tomadas em outros continentes” (KAERCHER, 1998, p. 12)

Em geral, o contato direto com uma paisagem em mutação permite desenvolver um olhar geográfico constantemente estimulado pela comparação de diferentes espaços a diferentes escalas. Este fato permite criar condições para a comparação de fenómenos estudados em espaços diferentes, desenvolvendo a noção do local e do global, assim como o processo de generalização dos elementos e fenómenos de uma área.

Verifica-se assim que o estudo da geografia a partir de uma relação com a paisagem mutante permite constatar que as explicações para os fenómenos que ocorrem num lugar podem e devem ser buscadas noutros. Deste modo, pode-se, construir uma geografia que se tornará num instrumento útil de leitura do mundo, que ajudará a construir uma sociedade mais crítica e indignada com os fenómenos e processos que ocorrem em cada troço da paisagem suporte de todas as atividades de subsistência do homem. Este

fato facilita a elaboração dos “mapas cognitivos, imprescindíveis para a a compreensão do discurso geográfico” (CASTELLAR, 2006. p. 46).

Como se pode ver, a grande preocupação, na UP Gaza, é ensinar Geografia, ou seja, evitar dar informações ou conteúdos desconectados e passar a articular um conhecimento geográfico tanto na dimensão do físico como do humano, superando, assim, as dicotomias. Esta tendência consegue-se a partir da utilização da linguagem cartográfica com o intuito de valorizar a Geografia como disciplina significativa com a grande finalidade de compreender e relacionar os fenômenos estudados e observados no território (CASTELLAR, 2006).

Neste contexto, o curso de geografia pretendeu, logo de partida, fazer com que o estudante perceba que (citando Reichwald *et al*, 1998):

- α) a realidade das paisagens é passageira, devendo seu conhecimento ser permanentemente avaliado;
- β) o lugar é o espaço de cultura, dinâmico e global;
- χ) há necessidade de identificar as características das paisagens e suas constantes transformações;
- δ) há necessidade de analisar a dinamicidade da paisagem a partir das relações do lugar e dos espaços à sua volta.

O que se pretende, em geral, é motivar o estudante, criando nele o sentimento de que a geografia estuda os porquês das paisagens, da sua construção. A consequência que se espera disso é que o professor formado, na sua futura atuação na sala de aula, parta da paisagem conhecida e visível de modo que os seus futuros alunos também construam conceitos e o conhecimento a partir e para a realidade

Em geral, o estudo geográfico de um território que propicia a descrição do mesmo, visa a sua compreensão e transformação, na medida em que vê o indivíduo (o estudante, neste caso ou o habitante) como agente de produção da transformação, permitindo a ele visualizar as questões sociais e a sua relação com a mudança do ambiente físico (SCHÄFFER, 1998).

Em geral, o espaço geográfico é constituído por formas visíveis naturais construídas pelos

homens, através das relações que estabelecem entre si (formas invisíveis). São estas relações que caracterizam um lugar em um certo tempo histórico e são objeto de estudo da geografia, por isso, a noção de espaço geográfico não pode referir-se apenas à paisagem, mas também buscar as origens das mesmas e das consequências derivadas de cada forma de organização do território e dos seus habitantes (CASTROGIOVANNI, 1998).

A diversidade de relações na paisagem pode ser encontrada no espaço do entorno da UP Gaza onde existem grandes contrastes espaciais. Neste minúsculo espaço nacional, é possível examinar com atenção as transformações paisagísticas produto da grande diversidade dos processos de ocupação e uso dos solos. Por um lado, encontram-se áreas desbravadas e desmatadas para o aproveitamento do recurso lenhoso, áreas de cultivo tradicional rudimentar com enxada e queimadas; por outro lado, encontram-se áreas com edificações modernas da Universidade, vias de comunicação com grande trânsito de veículos e áreas de pastos e pousio, na qual a população local pratica recoleção de frutos silvestres ou de vegetação espontânea para alimentação humana ou do gado de pequeno porte (coelhos, etc.).

Em geral, a partir da realidade próxima e observável do entorno da Universidade, torna-se fácil compreender os fenômenos. Por exemplo, ao se falar da erosão pluvial, o aluno pode sair da sala de aulas para visualizar, no momento em que ocorre a precipitação, o processo de formação de escoamento superficial e de todos os processos a ele associados que terá aprendido teoricamente na sala de aulas, acontecendo o mesmo com os processos eólicos e outros. Ele aprende, assim, a visualizar as mudanças que ocorrem na paisagem, analisando e compreendendo a realidade a partir dum confronto entre o teórico e o observável no instante em que os processos decorrem no espaço natural, podendo ver o processo de mutação da paisagem.

Os espaços a volta da Universidade Pedagógica em Gaza, permitem ao estudante criar a consciência geográfica que lhe permitirá saber que, por exemplo, existe uma grande relação entre o natural e o social, de modo que estes se influenciam mutuamente. A comparação que ele

realiza ao fazer o trajecto domicílio-universidade-domicílio, permite-lhe confrontar o teorizado na sala de aulas com o visualizável no seu dia-a-dia no território. Assim, por exemplo, ele pode constatar que o desequilíbrio ambiental derivado das práticas humanas nos ecossistemas (queimadas, abate de árvores, acumulação de resíduos domésticos em qualquer espaço, etc.) são resultado também dos desequilíbrios nas relações sociais ou humanas, derivadas essencialmente do tipo de distribuição de recursos de sobrevivência. Um outro exemplo é que ele pode constatar que o lucro que se obtém com a venda da lenha é produto da destruição de um bosque ou mata, ou seja que o surgimento do consumo de lenha, é também produto da falta de outro tipo de energia nos domicílios ou a preços acessíveis para as diferentes camadas sociais.

Deste modo ele verifica que a existência de classes ou grupos sociais diferentes originam também acções ambientais destrutivas ou construtivas também diferentes, variando estes factos no espaço e no tempo.

Nas palavras de CASTELLAR (2006, p.48) o *"mais difícil na prática docente é provocar a dialética entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento acadêmico"*. Assim sendo, nas práticas de campo, o professor consegue interagir com os dois aspetos, de modo a potenciar novos conhecimentos, a partir das experiências quotidianas, desenvolvendo, deste modo, nos seus estudantes, habilidades para a análise, interpretações, relacionamentos e percepções espaciais de fenómenos que decorrem na paisagem.

O contato direto com a paisagem leva o estudante a constatar que o estudo dos processos a partir de um contato com a realidade, permite criar no futuro aluno um fio condutor de conhecimentos. Ou seja, ele ao observar a dinâmica dos fenómenos, pode verificar que os homens constroem as paisagens a partir da sua luta pela sobrevivência. É essa luta que se torna o fio condutor construtor de paisagens uma vez que as dificuldades da vida levar-lhe-ão a variar a sua ação sobre os recursos (por exemplo: o cultivo dos campos, o corte de vegetação para venda de lenha, a recolha de frutos etc.). E esta acção ocorre de acordo com a disponibilidade dos recursos e das carências sociais.

O comentado anteriormente é o que

permite olhar para as mutações das paisagens e, a partir delas, explorar os aspectos empíricos e subjetivos que são construídos no estudante mediante operações sensoriais, objetivas e científicas. Esta operação poderá ser medida e explicada racionalmente a partir do constatado ao longo do tempo num mesmo território. Este fato cria facilidades para o estudante perceber que diferentes processos dão origem a diferentes paisagens, fato que permite constatar as diferenças entre os locais, realizar homogeneizações, padronizações, classificações de espaços e construir ideias sobre as diferenças que geram as mudanças nos espaços geográficos e ameaçam valores espaciais já construídos.

Deste modo, evita-se lecionar uma geografia monótona, baseada apenas na consulta de fontes bibliográficas que relatam fenómenos muito distantes da realidade do estudante, criando nele um entendimento da paisagem a partir de aparências e não de realidades visualizáveis que permitem interiorizar conceitos e perceber sensações, emoções, medos, a partir da apropriação das características dos lugares.

Esta apreensão realiza-se também mediante:

(i) A análise e interpretação das cartas topográficas na sala de aula, assim como dos mapas de uso e ocupação do solo e, carta geológica, para realizar a descrição das características geográficas.

(ii) A análise e interpretação multitemporal de fotografias aéreas e imagens de satélite de anos diferentes, para detectar as mudanças ocorridas na paisagem.

(iii) Trabalhos de campo para conhecer as mudanças microambientais. Para tal recorre-se à metodologia corológica, mediante a elaboração de quadriculas de 100 x 100 metros, nas quais são identificados os usos anteriores e os usos atuais do solo e as atividades antropogênicas aí existentes.

A análise da paisagem com recurso a técnicas acima mencionadas, permite discutir no terreno com os estudantes temas relacionados com as alterações ambientais derivadas das actividades humanas e da ocupação indevida de espaços. Estes, são temas de abrangência mundial e afectam a todos directa ou indirectamente.

Assim, no território, a partir de uma situação real e concreta, os estudantes ensaiam a busca de resolução de problemas, facto que ajuda a

diminuir o que CASTROGIOVANNI (2007) chama de "sentimento de impotência" em relação aos problemas ambientais locais, globalizados.

Foto 1. Estudantes da UP Gaza durante o trabalho de campo.



Fonte: Foto de Nelson Filipe

A imagem da foto 1 ilustra como no processo de formação do indivíduo ele deve ser ensinado a ver com os próprios olhos. Deve-se aprender com a observação. Por meio da experiência um bom exemplo passa a valer muito mais que belos e longos discursos por meio da experiência. Ou seja, a

"educação deve ser um, processo espontâneo e natural, em contato com a natureza. O aluno precisa aprender a ver com seus próprios olhos; o que lhe deve ser ensinado deve ser através de experiência." (CALLAI, 2006, p. 24).

Ao levar o estudante para o campo durante a aula de Geografia consegue-se fazer com que ele

pense na "importância e na influência do espaço, na fisicidade das coisas e na geograficidade de nossa existência" (KAERCHER, 2007, p. 16).

A relação com a paisagem permite criar, no estudante, um sentido de compreensão e responsabilidade dos futuros atos na mesma, uma vez que ele, quando vai à aula de campo, passa a ter um contacto direto com o lugar, com a natureza. É este relacionamento com a natureza que lhe permite atribuir significado de bom, mau ou inútil às coisas que o rodeiam (PILLETI, 2007).

Em geral, na aula de campo pode-se conhecer a percepção espacial de cada estudante, suas relações afetivas com a paisagem e suas referências sócio-culturais, uma vez que no campo cada estudante demonstra o conhecimento que

tem sobre, por exemplo, a utilidade de cada planta, as relações entre os fatos geográficos.

A tarefa do professor é de despertar a construção do conhecimento no estudante. Nesse caso, sair do ambiente escolar, gera no estudante um efeito positivo no interesse sobre os conteúdos. Em geral, as atividades práticas "fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino da geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos" (FARINA e GUADAGNIN, 2007, p.111).

Deste modo, na UP Gaza, as saídas para visualizar a paisagem, quebram a monotonia de sala de aula a partir de dois princípios básicos (KAERCHER, 1998a; AZAMBUJA e CALLAI, 1998):

1) Insistência no caráter formativo das disciplinas, a partir da ligação à reflexão docente, isto é, indicação de sua aplicação prática na realidade cotidiana. Por exemplo, insiste-se no caráter aplicado da climatologia no dia-a-dia (todos nos preocupamos com o estado do tempo antes de sair de casa e a partir daí escolhemos o que vestir).

2) Insistência no caráter servicial da ciência para a coletividade, deixando o professor e o estudante de serem simples repetidores dos conteúdos dos manuais, mas aplicadores dos conhecimentos dentro e fora da sala de aula. Por exemplo, a partir das aulas da disciplina de Pedogeografia foi possível tornar uma área que há anos nada produzia em hortas que hoje alimentam os docentes, funcionários, estudantes e população da área dos arredores.

Como se pode constatar, a relação homem-natureza explicada a partir da visualização territorial dos fenômenos permite compreender que é o

"trabalho humano...que transforma a natureza em coisas úteis e necessárias à nossa vida em sociedade. É nessa luta diária pela sobrevivência que vamos alterando, destruindo e construindo o espaço geográfico que habitamos". Assim

mostra-se que "os espaços têm uma gênese, são uma construção temporal, um processo (...) que a geografia é a "história do espaço" e a que a história é a "geografia do tempo" ou o "tempo espacializado" (KAERCHER, 1998, p.13).

Todo este processo leva o estudante a verificar que a "relação sociedade-natureza é indissociável/eterna" (KAERCHER, 1998, p. 11). É assim que, durante as visitas à volta da paisagem do entorno da Universidade, o estudante pode observar que:

- α) a modificação dos espaços depende do tipo ou grau de relações humanas existentes. Deste modo, chegam a perceber que as paisagens são construídas ou edificadas a partir das dinâmicas sociais;
- β) não existe uma sociedade fora da natureza;
- γ) os fenômenos na paisagem são localizados temporal e territorialmente no local onde ocorrem, tendo e recebendo influências de outros lugares e doutros períodos.

A partir da realidade da paisagem com a qual o estudante convive e visualiza diretamente, cumpre-se o grande objetivo de:

"fazer da geografia uma disciplina interessante, que tenha a ver com a vida e não apenas com dados e informações que apareçam distantes da realidade na qual se possa compreender o espaço construído pela sociedade, como resultado da interligação entre o espaço natural, com todas as suas regras e leis, com o espaço transformado constantemente pelo homem" (CALLAI, 1998, p.58)

Pode-se assim afirmar que a geografia permite conhecer o lugar, ou seja "o espaço de vida de cada um, onde estão as referências pessoais e onde os sistemas de valores, elementos básicos para a construção da identidade pessoal" e o território, ou seja "o espaço de vida de uma

sociedade, sem o qual não se constroem as identidades regionais e nacionais” (REICHWALD *et al.*, 1998, p. 169)

Em geral, ao relacionar-se com a mutação da paisagem, o estudante estuda os lugares. Este facto permite conhecer as diferentes necessidades territoriais e as relações que existem neles. Cada lugar leva a um tipo de comportamento ambiental ou actividade sobre o meio. Esta última depende do grau de desigualdade social no território, de modo que a paisagem será o reflexo dessa mesma desigualdade.

### Conclusão

Na Universidade Pedagógica, Delegação de

Gaza, o ensino de Geografia tinha a sala de aulas seu lugar de preferência para a transmissão de saberes. Era dela que o professor universitário, ao abordar uma temática, partia de uns objectivos, procedimentos e conteúdos seleccionados que expressavam, em primeiro lugar, a vivência do professor e depois o seu envolvimento com o conhecimento geográfico.

Actualmente, o trabalho de campo em que o estudante aprende mediante o contacto directo com a paisagem está demonstrando que apresenta melhores resultados em relação a teorização da sala de aula. Este método permite uma aprendizagem com base na construção do conhecimento, no qual o estudante torna-se um sujeito mentalmente activo na aquisição dos saberes.

### Bibliografia

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de; CALLAI, Helena Copetti. “A licenciatura de geografia e a articulação com a educação básica”. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos *et al.* (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 187-193.

CALLAI, Helena Copetti. “O Emílio de Rousseau: contribuições para o estudo do espaço e da geografia”. In: CASTELLAR, Sonia. (org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 21-37.

\_\_\_\_\_. “O ensino de geografia: recortes espaciais para análise”. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos *et al.* (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 57-63.

CASTELLAR, Sonia. (org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. “A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia”. In: CASTELLAR, Sonia. (org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 38-50.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos *et al.* (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.

\_\_\_\_\_. “O misterioso mundo que os mapas escondem”. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos *et al.* (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 32-47.

\_\_\_\_\_. “Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade”. In: REGO, Nelson *et al.* (org.). *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. São Paulo: Artmed, 2007, pp. 35-47.

CORDEIRO, Helena K. *et al.* (org.). *Prática de ensino em geografia*. São Paulo: Marco Zero; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1991.

DEBESSE-ARVISET, M.-L. *A educação geográfica na escola*. 2ª. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1978, 192 p.

FARINA, Bárbara Cristina; GUADAGNIN, Fábio. “Atividades práticas como elemento de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática”. In: REGO, Nelson *et al.* (org.).

*Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. São Paulo: Artmed, 2007, pp. 111-119.

GUERRERO, Ana Lúcia de Araújo. "Contribuições da teoria da atividade para a formação continuada de professores de geografia". In: CASTELLAR, Sonia. (org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 113-135.

JEAN, Georges. *Cultura pessoal e ação pedagógica*. Rio Tinto/Portugal: Edições ASA, 1978, 142 p.

KAERCHER, Nestor André. "Desafios e utopias no ensino da geografia". In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 171-183.

\_\_\_\_\_. "A geografia é o nosso dia-a-dia". In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 11-21.

\_\_\_\_\_. "Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converentendesar com outro e entenderscobrir a si mesmo". In: REGO, Nelson et al. (org.). *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. São Paulo: Artmed, 2007, pp. 15-33.

LÓPEZ, C. Ramón Cuétara. *Hacia una didáctica de la geografía local*. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 2004, 167 p.

MATERNO, Francisco. *Metodología de la geografía*. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1972, 106 p.

PACHECO, José Augusto; FLORES, Maria Assunção.

*Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora, 1999, 221 p.

PILLETI, Claudino. *Didática geral*. São Paulo: Ática, 2007, 258 p.

REGO, Nelson et al. (org.). *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. São Paulo: Artmed, 2007, 148 p.

REICHWALD Jr., Guilherme et al. (org.). "A geografia no ensino médio". In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 167-170.

SCHÄFFER, Neiva Otero. "A cidade nas aulas de Geografia". In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 109-116.

SOMMA, Miguel Ligüera. "Alguns problemas metodológicos no ensino da geografia". In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos et al. (org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Editora da Universidade; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998, pp. 162-165.

THE INTERNATIONAL BANK FOR RECONSTRUCTION AND DEVELOPMENT. *O ensino superior nos países em desenvolvimento: perigos e esperanças*. Lisboa: AULP, 2000, 171 p.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. *Didática: temas selecionados*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979, 145 p.